

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

# Multiculturalismo, feminismo e o cinema Hollywoodiano

---

A apropriação da pauta feminista pela  
indústria do cinema estadunidense

Larissa Gould de Assis  
Junho de 2018

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão da disciplina Teorias da Cultura sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira

## **MULTICULTURALISMO, FEMINISMO E O CINEMA HOLLYWOODIANO<sup>29</sup>**

Larissa Gould de Assis<sup>30</sup>

### **RESUMO**

O cinema norte-americano, Hollywoodiano, tem, nos últimos anos dado mais espaço às protagonistas femininas. Esses filmes foram recordes de bilheteria, provando-se muito lucrativos. Ao mesmo tempo, no ano de 2017, menos filmes, nos mesmos Estados Unidos, abriram espaço protagonista à mulher. O cinema "feminista" se mostrou um excelente nicho de mercado para Hollywood. A indústria cultural se apropriou dessa pauta? Como o multiculturalismo e suas vertentes crítica e comercial pode explicar esse fenômeno? São questões que este artigo pretende debater.

Palavras-chave: multiculturalismo, feminismo, cinema, hollywood

### **ABSTRACT**

The American cinema, Hollywoodian, has, in recent years, given more space to the female protagonists. These films were box office records, proving to be very lucrative. At the same time, in the year 2017, fewer films, in the same United States, opened the protagonist space for women. The "Feminist" cinema has proved to be an excellent opportunity for Hollywood. Has the cultural industry appropriated this pattern? How can multiculturalism and its critical and commercial aspects explain this phenomenon? These are questions that this article intends to discuss.

Keywords: multiculturalism, feminism, cinema, Hollywood

### **RESUMEN**

El cine norteamericano, Hollywoodiano, en los últimos años ha dado más espacio a las protagonistas femeninas. Estas películas fueron récords de taquilla, probándose muy lucrativos. Al mismo tiempo, en el año 2017, menos películas, en los mismos Estados Unidos, abrieron espacio protagonista a la mujer. El cine "feminista" se mostró un excelente nicho de mercado para Hollywood. ¿La industria cultural se apropió de esa pauta? ¿Cómo el multiculturalismo y sus vertientes crítica y comercial puede explicar ese fenómeno? Son cuestiones que este artículo pretende debatir.

Palabras clave: multiculturalismo, feminismo, cine, hollywood

### **1. Introdução**

<sup>29</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão da disciplina Teorias da Cultura sob orientação do(a) Prof. Dr. Dennis de Oliveira

<sup>30</sup> Graduado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - Fapcom.

Nos últimos anos, em especial desde 2015, o cinema estadunidense hollywoodiano teve um boom de filmes com protagonistas mulheres ou que narram histórias femininas. Em 2016 houve um recorde de filmes com mulheres protagonistas em Hollywood: 29% dos filmes no top 100 de maiores bilheterias de 2016 foram protagonizados por mulheres, de acordo com a pesquisa realizada pelo Centro Para o Estudo de Mulheres na Televisão e Cinema, da Universidade de San Diego (Estados Unidos)<sup>31</sup>.

Animações como Moana (Disney), A Garota no Trem (Universal), A Chegada (Sony), Rogue One (Lucasfilm/Disney) e Estrelas Além do Tempo (Fox Film) são algumas das responsáveis por esse marco.

No caso específico de Rogue One, o que se nota ainda é uma movimentação do cinema em fazer versões de já consagradas franquias e sucessos com protagonistas mulheres: é o caso de Star Wars, mas também do novo Caça-Fantasmas (Sony/Columbia), lançado no mesmo ano (2016), de Mad Max – Estrada da Fúria (Warner Bros), do ano anterior (2015), ou de 8 Mulheres e um Segredo (Warner Bros), que estreou nos cinemas no primeiro semestre de 2018.

A questão é: no ano do recorde de participação nas grandes bilheterias, as mulheres não atingiram sequer a marca dos 50% das produções. O estudo da Universidade de San Diego aponta ainda que a porcentagem de personagens mulheres com falas em filme era de apenas 32%, 1% a menos que o ano anterior (2015).

Está participação irrisória, no entanto, é o suficiente para gerar disputas narrativas. Uma semana antes de Rogue One ser lançado, apoiadores do então candidato à presidência dos Estados Unidos Donald Trump, iniciaram uma campanha de boicote nas redes sociais, guiadas pela hashtag #DumpStarWars<sup>32</sup>, pois o filme poderia ser interpretado como uma propaganda anti-Trump, já que “o Império é uma supremacia organizada de homens brancos”.

---

<sup>31</sup> Disponível em <https://goo.gl/7k78Tb>

<sup>32</sup> Disponível em <https://goo.gl/feG2jh>

Para além da participação mínima das mulheres, há de se debater quem são essas mulheres: 76% das personagens eram mulheres brancas, apontou o estudo.

A afinidade com a publicidade e o consumo, a lógica de produção industrial e a ambição por uma ampla audiência, por sua vez, tendem a fazer do cinema um meio predominantemente conservador, orientado por fórmulas, códigos e normas convencionais, assim como normalmente refratário a conteúdos que contrariem um olhar presumidamente conservador do espectador. Se somarmos a isso a predominância de indivíduos brancos, de elite, e do gênero masculino nos âmbitos da direção, roteirização e atuação no cinema, o caráter conservador do cinema torna-se ainda mais pronunciado, uma vez que os conteúdos daí derivados tendem a reverberar opiniões associadas à classe social, raça e gênero de seus produtores. (GEMAA, 2016: p. 23)

Se em 2016 as mulheres bateram recorde de participação, em 2017 foi a vez de se destacarem pelas bilheterias. As três maiores bilheterias – e arrecadações – do ano, nos Estados Unidos, foram de filmes cujas protagonistas eram mulheres: *Star Wars: Os Últimos Jedi* (Lucasfilm/Disney) — 533 milhões de dólares, recorde do ano, *A Bela e a Fera* (Disney) — 504 milhões de dólares, e *Mulher-Maravilha* (Warner Bros) — 412,6 milhões de dólares.

No entanto, no ano em que elas foram as responsáveis pela maior arrecadação de Hollywood, o número de participação de mulheres nas grandes produções hollywoodianas caiu: 24 das 100 principais bilheterias de 2017 levaram histórias de mulheres aos cinemas, contra os 29 títulos de 2016. Isso representou uma queda de 5%. Os dados são do mesmo Centro Para o Estudo de Mulheres na Televisão e Cinema, da universidade de San Diego<sup>33</sup>.

### **Os números por trás dos números**

O que explicaria este cenário? Um quesito importante a ser analisado são os números que envolvem a produção desses sucessos de bilheteria. Uma pesquisa da

<sup>33</sup> Disponível em <https://goo.gl/KjmSWK>

Universidade do Sul da Califórnia, Estados Unidos, analisou 1.100 filmes produzidos de 2007 a 2016. Dos 1.223 diretores envolvidos nesses projetos, apenas 4% são mulheres.

Elas não são só a esmagadora minoria nas produções, como possuem um índice ínfimo de continuidade na carreira, a maioria delas, 84%, trabalha em apenas um filme. Em 2016, as mulheres representaram apenas 17% de todos os diretores, roteiristas, produtores, editores e cineastas nos 250 filmes americanos de maior sucesso de acordo com a pesquisa da Universidade de San Diego.

Mais uma vez, a questão da representatividade entre essas poucas mulheres também preocupante: apenas 3 mulheres negras, duas asiáticas e uma latina trabalharam como diretoras nos 1.100 filmes analisados.

A consequência desta discrepância entre homens e mulheres nas direções cinematográficas também podem ser notadas nas premiações do Oscar, mais famosa premiação do cinema mundial. Em toda a história do prêmio, apenas 5 mulheres concorreram na categoria Direção: Lina Wertmuller, por "Pasqualino sete belezas" (1976), Jane Campion, por "O piano" (1993), Sofia Coppola, por "Encontros e desencontros" (2003), Kathryn Bigelow, por "Guerra ao terror" (2009), e Greta Gerwig, por "Lady Bird" (2018). Kathryn Bigelow foi a única mulher na história do Oscar a ganhar a estatueta por sua direção.

### **Mulheres: um mercado de sucesso**

O que explicaria então esse aumento do interesse do cinema hollywoodiano nas mulheres, uma vez que claramente não está sendo acompanhado de uma mudança estrutural na produção desta indústria, que ainda tem enraizados o mesmo modus operandi machista e branco?

Em 2012, de acordo com Michael Silverstein<sup>34</sup>, líder da área de consumo da consultoria Boston Consulting Group (BCG), as mulheres tinham o controle de 70% de todo o consumo dos Estados Unidos.

Um estudo que conduzi com 21 000 mulheres mostrou que elas controlam ou influenciam 70% dos gastos de consumo feitos nos Estados Unidos, gerindo cerca de 5 trilhões de dólares. São elas que compram itens para a casa e os filhos. Elas também decidem quando a família vai tirar férias, redecorar os quartos ou trocar de carro. Essa dinâmica familiar é cada vez mais comum. Em vários países escandinavos, por exemplo, elas ganham mais que os homens. (EXAME, 2012)

E esse é um padrão que se repete no mundo. No Brasil, por exemplo, a pesquisa “Tempo de mulher” realizada pelo Data Popular em 2013 mostrou que o consumo das mulheres crescia 83%, quase duas vezes mais em relação aos homens. Na época, em entrevista ao jornal O Correio Braziliense, Renato Meireles, presidente da instituição, relatou que público feminino é protagonista do novo Brasil que consome mais a cada ano.

Definitivamente as mulheres são um nicho a ser explorado pelo mercado como um todo e a indústria cultural, em especial o cinema, não estão fora deste contexto.

### **Industria cultural: apropriação das lutas sociais**

Como explica Adorno e Horkheimer, a indústria cultural cria padrões e os repete para formar uma estética ou compreensão única e voltada ao consumismo.

A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos (...) Os clichês seriam

---

<sup>34</sup> Disponível em <https://goo.gl/6rNd9x>.

causados pelas necessidades dos consumidores: e só por isso seriam aceitos sem oposição. Na realidade, é neste círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema se restringe sempre mais. (ADORNO, HORKHEIMER, 2002 p.170 e 171)

Portanto, a indústria cultural funciona como aparato de dominação ideológica, que tem no consumo uma característica fundamental. Desta forma, as lutas sociais, e por consequência o feminismo, se tornam mais um produto apropriado pela indústria cultural. Desta forma, pautas históricas são incorporadas ao seu repertório, mantendo o seu mercado e poder ideológico.

Quando a indústria cultural sequestra as discussões em torno das lutas sociais, o que ocorre é um debate raso, feito a partir do lugar do privilégio, sem mudar os problemas estruturais e que ignora as questões locais, como explica Raphael Silva Fagundes em A apropriação das lutas sociais pela indústria cultural:

Tornam todos livres para consumir qualquer coisa, sem preconceito. Adaptam as manifestações culturais espalhadas pelo globo, que possuem a sua própria lógica local, à lógica do mercado. Soma-se a isso as estratégias em relação aos filmes que representam o modelo de feminismo, de luta perante o racismo, de pessoas com necessidades especiais etc. Mulher-Maravilha foi muitas vezes associado ao empoderamento feminino, à mulher forte que luta para conseguir concretizar seus desejos, seus ideais. Um modelo que serve de paradigma para as lutas feministas em todo o mundo. Essa forma de dominação imperialista busca calar a lógica local, as maneiras de lutas imanentes da realidade social do lugar. O indivíduo que entra em contato com esse tipo de filme acaba por esquecer as circunstâncias locais que geram o conflito, sendo convencido a se aliar a uma maneira específica, que por sinal é muito conivente aos interesses do capital. (FAGUNDES,2018)

O autor explica que isso faz com que, por exemplo, uma garota na de São Paulo ache que o machismo que sofre é o mesmo que de uma atriz de Hollywood, e se esqueça dos aspectos de sua classe, os problemas de sua realidade cotidiana e de sua história local.



## **Multiculturalismo e o cinema hollywoodiano**

Stuart Hall explica que o multiculturalismo se refere às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. Denomina “uma variedade de articulações, ideais e práticas sociais” (HALL, 2003). O Multiculturalismo, portanto, não é uma única doutrina, não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado.

Ele tentará dar conta do sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente e definida historicamente (HALL, 1990).

O multiculturalismo de Hall trata, entre outras demandas desse sujeito descentralizado, das pautas chamadas identitárias, como movimento negro, LGBTQ+ ou do próprio feminismo, a partir do olhar periférico do autor negro e jamaicano.

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a “proliferação subalterna da diferença”. Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura, por exemplo). Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das “diferenças”. O eixo “vertical” do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças “locais”, as quais o global-vertical é obrigado a considerar (HALL, 1997)

Para analisar o feminismo no cinema hollywoodiano, utilizaremos de duas visões dentro do multiculturalismo: a comercial e a crítica. A primeira que exemplifica como o mercado vê as lutas sociais, em especial o feminismo, objeto de estudo deste ensaio; e a segunda como parte dos movimentos sociais e organizados, vêm o mesmo comportamento.

### **Multiculturalismo Comercial**

Dentro do multiculturalismo comercial, o consumo basta, como explica Hall: “pressupõe que, se a diversidade dos indivíduos de distintas comunidades for

publicamente reconhecida, então os problemas de diferença cultural serão resolvidos (e dissolvidos) no consumo privado, sem qualquer necessidade de redistribuição de poder ou recursos”.

Desta forma, para a indústria cultural, a produção cinematográfica plural e diversa, dará conta de solucionar os conflitos sociais, não sendo necessário para isso, alterar as estruturas machistas, brancas e patriarcais.

Esta é uma vertente que dá uma resposta ao mercado. Como explica Fagundes, se no início do século XIX, as potências capitalistas precisavam de mercado consumidor para os produtos gerados pela Revolução Industrial, hoje o mercado necessita de novos públicos. Entenderam a necessidade de produzir novos consumidores, desta forma são criados produtos para o público negro, feminino, LGBTQ+ e assim por diante. O problema, no entanto, é o multiculturalismo cultural não soluciona os reais problemas.

Se as diferenças entre as classes sociais não forem ressaltadas (não só as econômicas, mas as culturais), toda manifestação social só fará progredir o capitalismo, solucionando problemas superficiais, ideológicos, mantendo as bases materiais. (FAGUNDES, 2018)

Por isso, ao mesmo tempo que é de se compreender a necessidade de entender o sujeito descentralizado e as sociedades multiculturais, também a de ser crítico aos modelos que se estabelecem.

### **Multiculturalismo Crítico**

Uma outra forma de se analisar o fenômeno do multiculturalismo é pela sua análise crítica ou revolucionária, que para Peter McLaren (2000) “enfoca o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência”.

Assim, o multiculturalismo crítico ou revolucionário trará como solução para as mazelas sociais as mudanças estruturais.

O multiculturalismo revolucionário é um multiculturalismo feminista/socialista que desafia os processos historicamente sedimentados, através das quais identidades de raça, classe e gênero são produzidas dentro da sociedade capitalista. Consequentemente, o multiculturalismo revolucionário não se limita a transformar a atitude discriminatória, mas é dedicado a reconstruir as estruturas profundas da economia política, da cultura e do poder nos arranjos sociais contemporâneos. Ele não significa reformar a democracia capitalista, mas transformá-la, cortando suas articulações e reconstruindo a ordem social do ponto de vista dos oprimidos. O multiculturalismo revolucionário não deve apenas acomodar a ideia do capitalismo, mas deve também defender uma crítica ao capitalismo e uma luta contra ele. A luta por libertação com base em raça e gênero não deve permanecer desligada da luta anticapitalista. Muitas vezes, a defesa da diversidade e do pluralismo pelos apóstolos do pós-modernismo é uma rendição às mistificações ideológicas do capitalismo. (McLaren, 2000, p.284).

Esta linha do multiculturalismo, ao mesmo tempo que levará em conta as diferenças do sujeito descentralizado, colocará a luta anticapitalista no centro da discussão, defendendo que é inútil travar lutas que ignorem os eixos estruturantes opressores.

A reconstrução das estruturas culturais, como cita o autor, passará pela crítica e transformação da indústria cultural que conhecemos.

Desta forma, de acordo com esta vertente, apenas a produção de bens culturais, no caso, filmes, não dará conta de resolver as questões estruturantes que atingem esses grupos subalternos. Se render à lógica Capitalista, como explica o autor, é pouco e se provará ineficaz.

### **Mais que 29 filmes**

*“A cultura popular não é por si revolucionária.  
Mas uma cultura revolucionária não será construída fora do âmbito popular”  
Dennis de Oliveira*

Como explica o estudo “A Cara do Cinema Nacional: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)”, do Grupo de Estudos

Multidisciplinares da Ação Afirmativa – GEMAA, o cinema e os bens culturais são responsáveis por criar padrões, estéticos, culturais e de costumes, assim formando sua “percepção das pessoas sobre o mundo e sobre si mesmas”. Desta forma, é de se preocupar um cinema dominado por um monopólio de homens brancos.

Nesse sentido, a constatação de que existe um monopólio na produção de representações por um grupo majoritariamente branco, de elite e do gênero masculino sugere que os meios audiovisuais operam como uma caixa de ressonância das ideias de um grupo dominante e, portanto, difundem estereótipos e representações enviesadas das vivências de outros grupos sociais. Nesse sentido, a constatação de que existe um monopólio na produção de representações por um grupo majoritariamente branco, de elite e do gênero masculino sugere que os meios audiovisuais operam como uma caixa de ressonância das ideias de um grupo dominante e, portanto, difundem estereótipos e representações enviesadas das vivências de outros grupos sociais. (GEMAA, 2016: p. 3)

É clara a importância de disputar o espaço do cinema e da indústria cultural. A representação positiva do sujeito é fundamental para o empoderamento deste indivíduo já que, ainda de acordo com o estudo, “a introjeção pelo sujeito de uma imagem negativa de si mesmo limita sua capacidade de se constituir como igual perante seus parceiros de interação social”.

A indústria cultural é parte fundamental dos aparatos de dominação ideológica. E, por mais que o aumento de produções com protagonistas mulheres, ou outros grupos subalternos, seja uma melhora, está longe de ser a solução para as mazelas que negras e negros, mulheres, indígenas, LGBTQI+, e demais grupos historicamente excluídos e explorados pelos sistemas dominantes, sofrem. É fundamental o olhar crítico e desconfiado às movimentações vindas do mercado, entendendo, principalmente os interesses econômicos envolvidos.

Sobretudo, não podemos deixar de ter em mente o eixo principal e estruturante das lutas sociais: a luta anticapitalista. Uma cultura verdadeiramente

revolucionária deve ser construída de forma popular, considerando as regiões, personagens/indivíduos e história.

Neste sentido, o cinema que verdadeiramente feminista será aquele construído por mulheres: diretoras, roteiristas, produtoras, câmeras, atrizes e etc; em um contexto social que contemple suas lutas e necessidades e, assim, nos represente.

### **BIBLIOGRAFIA**

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

FAGUNDES, Raphael Silva. **A apropriação das lutas sociais pela indústria cultural**. Le Monde Diplomatique, 2018. <<https://goo.gl/KW3A4c>> acesso em 16 de abril de 2018  
GEMAA Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa. **A Cara do Cinema Nacional: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)** < <https://goo.gl/9bqkBc>> acesso em 16 de abril de 2018.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: editora Lamparina. 2015.

HALL, Stuart. **A Questão Multicultural**. In: SOVIK, op. cit., 2003, pp. 51-100. 56 ibid., p. 72.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Editora Cortez, 1997.